

## **Pulsão de morte e resistência, onde o orgulho se transforma em arrogância** *Death drive and resistance, where pride becomes arrogance*

Daniel Cardozo Severo<sup>1</sup>

**Resumo:** Assistimos, nos últimos tempos, ao aumento de antigos e permanentes atos abusivos em várias partes do mundo e no Brasil. No tocante à pandemia, presenciamos também, junto com esse aumento, outro elemento que configura uma atitude dos indivíduos em relação ao conhecimento. Tal atitude, considerada por muitos como negacionismo, faz com que nos deparemos, diariamente, com inúmeras pessoas rejeitando o conhecimento já adquirido por nossa sociedade. A essa atitude, Bion (1958/1993) denominou de arrogância. Portanto, o presente trabalho pretende explicitar tal atitude e sua relação com o conhecimento e com a verdade.

**Palavras-chave:** Filosofia da Psicanálise; Psicanálise; Pandemia; Bion; Arrogância.

**Abstract:** *We have seen, in recent times, na increase in old and permanent abusive acts in various parts of the world and also in Brazil. Along with the pandemic, we witnessed another element that constitutes an attitude of individuals in relation to knowledge. Bion (1958/1993) called this attitude arrogance. Therefore, the present work intends to explain this attitude and its relation with knowledge and truth.*

**Keywords:** *Philosophy of Psychoanalysis; Psychoanalysis; Pandemic; Bion; Arrogance.*

Presenciamos, nos últimos anos, o aumento de um mal-estar em nossa cultura, um dentre vários que já temos. Mal-estar que reimprime, em nossas relações, práticas violentas e de exclusão (Freud, 1930/2020). Assistimos ao aumento de antigos e permanentes atos abusivos em várias partes do mundo e no Brasil, inclusive. Designadamente em nosso caso, não é que esses atos inexistissem ou tivessem desaparecido, diríamos que voltaram a se intensificar nos últimos tempos, tendo como marca principal o aumento das já existentes exclusão e desigualdade social, entre outros. Observamos também, junto a esse movimento, o retorno e a participação de um outro elemento em nosso mal-estar atual, o qual se configura como uma atitude que gera expressiva inquietação e uma grande dose de caos. Uma atitude em relação ao conhecimento; e será essa atitude o enfoque desta breve fala.

Nos últimos tempos, tornou-se patente no país o movimento considerado por muitos como negacionismo – seja da realidade dos fatos (como, por exemplo, o terraplanismo), das

---

<sup>1</sup> Psicólogo e Psicanalista, Formado em Filosofia pela Unifesp, realizou seu mestrado e doutorado em Filosofia pela mesma instituição. Autor de três livros, sendo o último *Os Sujeitos do Homem Psicanalítico: rumo à arqueologia dos sentidos* (Ed. CRV). Atualmente, leciona Psicanálise, na Unitaú e na pós-graduação da Unisal, e Filosofia, na Faculdade Dehoniana. Contato: dsevero@gmail.com

constatações científicas (como a recusa de suas recomendações ou descobertas) ou da diversidade dos modos de existir. Durante a pandemia, percebemos que todo esse movimento de violência e negação se desnudou em práticas aparentemente contraditórias no Brasil. Vemos diariamente pessoas, embora imbuídas de informação e de conhecimento científico, se negarem a seguir as indicações da ciência, colocarem as vidas em risco e serem levadas a internações prolongadas e até mesmo à morte. Mesmo que o conhecimento as informe sobre a severidade do ato, muitas vezes passível de morte – como no caso do uso de máscaras e do uso equivocado de alguns medicamentos –, inúmeras pessoas rejeitam o conhecimento já adquirido por nossa sociedade. A atitude é pautada não somente em ignorar como em contestar e acusar a descoberta de falsa ou mentirosa. A essa atitude, Bion (1958/1993) denominou arrogância. Portanto, a presente fala pretende explicitar tal atitude e sua relação com o conhecimento e a verdade.

Freud (1937/2017, p. 355) discorre que, na essência do processo analítico, há o amor à verdade e a busca por ela. Por sua vez, Bion (1962a/1993) concorda com Freud (1937/2017) e expande o pensamento do pai da Psicanálise ao compreender que esse amor e essa busca seriam o ponto comum entre a Psicanálise e a Filosofia, estabelecendo um vínculo entre ambas as áreas de saber. O conhecimento produzido a partir desse amor e da busca pela Filosofia e pela Psicanálise não se restringe a uma conquista de algo ou a uma soma de fatos sabidos, mas é também uma relação com algo (Zimmerman, 2010). As virtudes dessa relação acontecem no uso que se faz daquilo que se sabe, daquilo que não se sabe e, psicanaliticamente falando, daquilo que não se sabe que sabe (Freud, 1912/2017). Imergindo ainda mais nesse ponto comum, Bion (1962a/1993) vê o conhecimento se vincular tanto ao amor e à busca pela verdade como também se configurar como uma relação do sujeito com ela e o modo como ele a percebe. Logo, quanto maior o amor, a busca, a intensidade da relação e a amplitude de percepção, maior a magnitude do conhecimento.

Ainda dentro desse quadro de semelhanças entre a Psicanálise e a Filosofia no que diz respeito à verdade, Bion (1962a/1993) afirma que estas também se produzem devido ao fato de psicanalistas e filósofos terem as mesmas preocupações em relação aos mesmos assuntos. A diferença estaria em que toda teoria psicanalítica visa sempre o uso. Essa diferença, no entanto, não apaga as semelhanças, pois a Psicanálise não deixa de ser a prática de uma determinada Filosofia. Ao que concerne o tema aqui estudado, percebe-se que o vínculo existente entre ambas as áreas do conhecimento prioriza a questão da verdade, denotando um ponto fundamental de sua atuação na constituição de seus saberes, pois não se limitam ao conhecido.

Bion (1962a/1993) compreende, assim, que a produção de conhecimento e de pensar de ambas emerge quando refletem as incógnitas, doando-lhes uma característica positiva.

A experiência clínica da Psicanálise, no entanto, nos revela que, para o pensamento se efetivar, é necessária a presença da emoção em seu interior, que esta esteja contida no pensamento. Bion (1962b/1989) observa a necessidade de haver, no interior da mente, uma função vincular a estabelecer esse elo entre os pensamentos e as emoções, promovendo ao mesmo tempo o preenchimento do pensamento e a dotação de sentido e significado à emoção, configurando a experiência. Esse trabalho de união é denominado por Bion (1962b/1989) de vínculo K (*knowledge*). Portanto, o ato de conhecer executa uma função de formar vínculos e arquitetar sentidos e significados às vivências, construindo experiências. A nossa capacidade de conhecer e formar vínculos instaura-se a partir do outro, a partir do momento em que o outro deseja me compreender. Inscreve-se em mim uma busca e a partir daí se inicia a formação de um sujeito. O desejo do outro de me compreender estabelece um sujeito, pois, ao mesmo tempo em que permite ao sujeito recém-fundado a busca no sentido de conhecer um objeto, apresenta-lhe um objeto que se oferece e se permite ser conhecido. O sujeito instituído pelo desejo de conhecer do outro se depara com um objeto que se lhe oferece como um desconhecido. Conhecer e saber não emergem como posse portanto, mas como enfrentamento de um não-saber e de um outro desconhecido.

Imbuídos dessa postura de enfrentar o não-saber e o desconhecido, a verdade pode ser continuamente desvelada de duas formas: em algo já revelado e conhecido ou em algo ainda por não revelado e desconhecido. O vínculo se dá e opera nessas duas dimensões. Desse modo, o vínculo do conhecimento exige do sujeito uma atitude de enfrentamento ao não-saber e, assim, requer desse sujeito uma posição de incerteza e, conseqüentemente, de não-saber ao mesmo tempo. Para sustentar essa posição de incerteza e preservar o vínculo, Bion (1962b/1989) considera necessária a renúncia de possuir a verdade. É só por meio dessa renúncia que se torna possível nos mantermos próximos à verdade. Assim, o conhecimento, para o autor, se encontra diretamente ligado à verdade e à realidade. Entretanto, esta se mostra por meio de contradições e oposições, ao mesmo tempo em que aquela nunca se revela completamente. Portanto, se a posição de incerteza se torna insustentável no cotejo com a realidade, ou seja, devido ao confronto com os conflitos gerados pelas contradições no campo da Razão ou com a ambivalência e a ambigüidade no campo das vivências, instaura-se um desejo de não conhecer. Inibe-se a função conhecimento, pois o desejo de não conhecer não significa ausência de saber,

mas a quebra do vínculo no qual os fatores pensamento e emoção serão privados de suas relações e de significados.

Uma vez que a atitude e a função do conhecimento foram interrompidas, a postura de enfrentamento do não-saber é substituída por uma postura de onipotência e onisciência, configurando, assim, a arrogância. Nessa postura, pratica-se paradoxalmente a atitude de usar o conhecimento para não conhecer, afastando-se desse modo da verdade. Bion (1958/1993) percebe que diante das intolerâncias oriundas da frustração e da privação geradas pelo contato com a verdade e as contradições, ambivalências e ambiguidades oriundas da realidade, tais intolerâncias promovem um giro na função do conhecimento, permitindo que a resistência transforme o enfrentamento ao não-saber em arrogância e estupidez. O impacto da intolerância faz com que a pulsão de morte domine a curiosidade, impondo um movimento violento de desnudar a verdade a qualquer preço e arrebatando o fio que nos ligava a ela. Desse modo, com a emersão da pulsão de morte e da resistência, o orgulho do conhecimento transforma-se em arrogância. Desvelar a verdade transforma-se em um exercício de poder.

A arrogância subverte o próprio método analítico, visto por Bion (1958/1993) como uma manifestação genuína da curiosidade, uma relação com o conhecimento e com uma busca da verdade. Devido ao processo analítico compor-se desses três elementos, o autor compreende que a resistência, ao tocar a curiosidade, transforma a relação com o conhecimento e a busca da verdade em uma atuação, ou seja, em exercício da própria arrogância. Logo, devido à resistência, a curiosidade passa a ser sentida como um componente intrínseco ao desastre, visto que agora se encontra temperada pela pulsão de morte. Em outras palavras, visa transformar o analista ou o outro em um cúmplice ou em um expectador do exercício de sua onipotência e onisciência. Contudo, a existência do analista ou do outro passam a ser um problema ao arrogante, pois basta a sua presença para que as diferenças eu-outro imponham limites ao conhecimento onipotente do arrogante. Dessa forma, o método analítico e a intersubjetividade transformam-se para o arrogante em uma atuação de ataques destrutivos ou ataques aos vínculos e às ligações, como prefere Bion (1959/1993). Como basta a presença do outro enquanto tal para se instalar uma frustração às pretensões arrogantes, poderosas emoções se associam à sua aspiração. A atitude arrogante estrutura-se sobre fantasias de ter os atributos exigidos de quem procura a verdade, ou seja, se a Psicanálise e a Filosofia possuem o objetivo tácito de buscar a verdade, o arrogante encarna-se como o sinônimo dessa pretensão e, automaticamente, atribui-se à posse da capacidade de abrigar os atributos em si. Ele se vê como o dono ou proprietário

da verdade e o único capaz de conhecer; ao outro só resta se submeter a todo esse poder. Subentende-se, nesse ato de autoatribuição, a força impulsiva do ódio e da inveja.

A inveja, compreendida nos meios kleinianos como oriunda exclusivamente da pulsão de morte (Klein, 1957/1991; Segal, 1975), junto com o ódio impulsionam a curiosidade à arrogância e à estupidez. Freud (1916/2018) propôs que a curiosidade advinha do impulso de saber ou conhecer, libertando esse impulso de seus dois irmãos, o impulso de apoderamento (sadismo) e de olhar (escópico e/ou voyerismo) (Freud, 1915/2019). Portanto, tocado pela pulsão de morte e resistência, o impulso de saber ou conhecer, aos olhos de Bion (1958/1993), é contaminado por fantasias inconscientes de inveja e ódio, conformando o impulso do saber ou conhecer a um destino destrutivo da atitude arrogante. Essa atitude, que possui raízes em fantasias inconscientes de inveja e ódio, manifesta-se na consciência pela estupidez de modo intencional. A intencionalidade consciente da estupidez arrogante se dá pois o outro passa a ser visto estritamente como um objeto obstrutor ao êxito da posse do conhecimento e da verdade. Por mais que a atitude arrogante negue, o outro se apresenta como um objeto desconhecido, reafirmando a posição existencial de não-saber. Imbuído pela estupidez, a oposição sempre será vista nos meios arrogantes como um ataque. A resistência do objeto à ofensiva arrogante (seja revelando que o arrogante não sabe ou não possui os atributos para saber algo ou que ninguém possui a verdade) sempre será vista como um ataque ou retaliação a ele. Desse modo, a curiosidade fica refém da destrutividade (inveja e ódio) e a serviço da negação, efetivando, para Bion (1958/1993), a mais completa estupidez. Logo, quanto mais se averigua que o outro sabe alguma coisa ou que o arrogante não sabe de algo, maior a resistência, devido à frustração e à inveja subsequente, e maior será o aumento de sua atitude (Zimmerman, 2004, p. 37).

Dessa maneira, percebemos que, nesses casos, a função K transforma-se em um avatar do ódio e da inveja, onde a pulsão de morte e a resistência a dominam; toda a relação com a verdade é substituída pela arrogância (Zimmerman, 2010). Onde a onipotência será praticada por uma curiosidade sádica e a onisciência pela estupidez, impedindo que o conhecimento aconteça. Uma vez que este se encontra interrompido, por mais que se negue, sempre existe um elemento de verdade no negado. Portanto, a resistência se apresenta como a verdade negada, da qual o arrogante sempre fugirá. O desejo de conhecer a verdade, por meio do enfrentamento do não-saber, promove um conhecimento autêntico e doloroso que permite alcançar a verdade e nos direciona à busca de novas descobertas. Em contrapartida, uma atitude arrogante de posse absoluta e total da verdade – vendo a possibilidade de haver uma verdade absoluta e total almejada –, faz com que somente se ignore a verdade. Sustentar essa atitude arrogante só se faz

possível mediante ataques aos vínculos, proporcionando o que Bion (1959/1993) chamou de estados confusionais. Seria somente desse modo que a ampliação da estupidez se tornaria cada vez mais possível, sendo por meio da confusão que se efetiva a atitude arrogante como prática contínua e encarnada de um dos mal-estares da cultural atual. O sujeito “[...] impõe aos outros a sua própria moral e ética, ditando leis, partindo da crença de que ele tudo sabe, tudo pode, tudo controla e tudo condena. Em nome dessa falsa moral, são desfechados ataques contra a busca da verdade” (Zimmerman, 2010, p, 176).

**Recebido em: 12/08/2020**

**Aprovado em: 18/11/2020**

## **Referências**

- Bion, W. R.(1957). On Arrogance. In: Bion, W.R. *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1993.
- Bion, W. R. (1959). Attacks on Linking. In: Bion, W.R. *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1993.
- Bion, W. R. (1962a). Theory of Thinking. In: Bion, W.R. *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1993.
- Bion, W. R. (1962b). *Learning From Experience*. London: H. Karnac, 1989.
- Freud, S. (1912). Sobre a dinâmica da transferência. In: Freud, S. *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Trad. Cláudia Dornbusch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- Freud, S. (1915). As pulsões e seus destinos. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed.; 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- Freud, S. (1916). Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: Freud, S. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na cultura. In: Freud, S. *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- Freud, S. (1937). Análise finita e infinita. In: Freud, S. *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Trad. Cláudia Dornbusch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- Klein, M. (1957). Inveja e gratidão. In: Klein, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Trad. 4. ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

Segal, H. Inveja. In: Segal, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

Severo, D. C. *O Projeto de uma Psicanálise Ontológica em Merleau-Ponty*. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unifesp, Guarulhos - São Paulo.

Severo, D. C. *Os sujeitos do homem psicanalítico: rumo à arqueologia dos sentidos*. Curitiba: CRV, 2019.

Zimmerman, D. E. *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática*. 2. ed. Porto Alegre: Artemed, 2004.

Zimmerman, D. E. *Os quatros vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.